



QUINTA-FEIRA
Lisboa--29 de Outubro de 1931

5 TOES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

vare
234

sempre
fixe semanario humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

OS EXAGERADOS



- Pois claro, que me divorciei. Como deve calcular, eu já estava pelos cabelos!



Os ditos da semana



O estojo Aqui ha tempos, quando a estação do Sul e Sueste estava quasi acabada por fóra, fizemos aqui o seu elogio, dizendo até que só faltava volta-la de pernas para baixo visto que estava—e está ainda—de pés para o ar.

Mas agora aparece o «Diario de Noticias» a protestar porque a estação está sendo entaipada com um muro. O «Diario de Noticias» não percebe nada de arquitetura. Aquilo é assim mesmo. O projecto era mesmo assim. A estação está pronta e agota andam a fazer-lhe o estojo que, segundo nos consta, vai ser acolhoado, porque uma joia daquelas não pode ficar exposta as intemperies.

É ainda o «Diario de Noticias» não sabe que, por fora do estojo, leva uma fitinha de seda cor de rosa, atada em cruz, como se fosse um presente de anos.

Em compensação, a estação velha que não vale nada, que é um traste sem prestimo, vai ser rebocada para o centro do Terreiro do Paço. Esta, é claro, deixa de servir. Mantem-se apenas para efeitos de turismo, como o maxibombo da calçada da Gloria, o gazonmetro de Belem e os tapumes das obras municipais.

A crise dos taxis

A crise dos taxis, que tanto tem dado que falar, resolve-se facilmente. Para isso é absolutamente indispensavel reunir todos os interessados. Como são muitos, alvitramos que a reunião se faça no Terreiro do Paço, no Campo Grande ou nas terras da Junqueira, ainda que seja preciso pedir licença aqueles matulões que lá costumam andar ao pontapé na bola com alguns militares sem graduação e diversas creanças de mama.

Reunidos os interessados, ouvem se todos, cada um por sua vez, ou, o que é mais provavel, todos ao mesmo tempo. Cada um diz de sua justiça.

O que guia Citroën proporá que os taxis sejam exclusivamente daquela marca. O que guia Chervolet, opinará pelo Chervolet. Quem tiver um Buik, votará pelo exclusivo a favor da sua marca e assim sucessivamente.

Os proprietarios dos carros terão também opiniões exclusivistas e só os passageiros não serão chamados a depór.

No fim de tudo, tendo-se averiguado que está certo o rifão que diz—cada cabeça,

DR. AMANDIO PINTO



Ainda muito novo, salu da “casca”, e começou a fazer bem “operações”, numa idade em que muitos ainda nem conhecem o “ABC”. Em Berne, no Congresso Internacional de Neurologia, o dr. Amandio Pinto levou a palma ao mais “pintado”.

cada sentença» e verificando-se que alguém ha de ficar descontente, toma-se uma medida radical:—acaba-se com os taxis, por ser a unica maneira de não dar desgostos a ninguém.

Acabados os taxis, o publico resigna-se durante quinze dias, ao fim dos quais começa novamente a pedir taxis e os taxis tornam a voltar, tantos ou mais do que agora ha! É como o publico está folgado—que é como quem dissesse caçado de andar a pé—nos primeiros tempos não ha mãos a medir... gazolina.

Depois, é claro, nova crise. Deixa-lo. As crises já são tantas que, por mais uma, não é preciso aumentar a panela. É esta ao menos sempre é de abundancia.

As aparições A proposito da praga das aparições, o «Diario de Noticias» publicava ha dias uma fotografia, na qual se vé uma rapariga com as mãos entapadas, rodeada de numerosas pessoas. E, nem mais nem menos do que a miraculada

de Ezquioga, Espanha. Na noticia que acompanha a gravura, explica-se que a joven Romana Otazabal sofreu varias incisões nos dedos, praticadas por um tal Ezidoro Argon, o que foi confirmado pelo exame medico.

O mais curioso é que se veem ajoelhados, em redor da Romana—que pelos modos é catolica, apostolica, romana—uns poucos de senhores de gravata.

O Argon é que lá não figura.

Que coisa tão antiga! O Argon é que lhe fez as incisões e os outros é que estão embasbacados deante dela.

Quasi sempre assim foi.

Palacio da Justiça

Parece que ha dificuldade para encontrar logar idoneo para o Palacio da Justiça.

No Castelo? No Parque Eduardo VII? No Teatro Nacional? Quem sabe?

No Nacional, não ficaria mal, tanto mais que, ainda ha pouco tempo, lá se realizou, com sucesso, o julgamen-

to de miss Mary Duncan e o sr. dr. Luiz de Oliveira Guimarães descobriu que Gil Vicente sabia muito disto de leis e tribunais.

Já, pelo contrario, nos não parece adquado o Castelo nem o Parque Eduardo VII porque a Justiça é serena e não pode exercer o seu allissimo mister debaixo de coacção.

Quanto a nós, o local está naturalmente indicado. Se a Justiça é cega como se diz, o seu palacio não pode erguer-se noutro sitio que não seja no Arco do Cego.

Anuncios Nem nós, nem o publico podemos passar sem isto. É o nosso habitual fornecedor nunca se esquece de fornecer materia prima:

Casamento

Cavalheiro deseja conhecer senhora nova, séria, para o estrangeiro. Carta á rua Augusta, 270 1.ª, a A. P. 11795.

Não ha nada mais facil de encontrar. As senhoras de exportação andam por ai aos ponta-pés. O cavalheiro agarra na primeira que lhe aparecer, mete-a no Sud e prega com ela em Paris. Como em Paris ninguém a conhece, passa por seria, se o não fór. Se fór também o cavalheiro não perde nada com isso.

Demoiselle

Oferece-se interna ou com pulso livre para 1 ou 2 creanças. Inst. prim., liceu até 4.ª ano, francês, labores, boas referencias. Diz-se R. Barata Salgueiro, 17, rez do chão, D.

Com pulso livre para uma ou duas creanças? Mas creanças de que idade? De mama? De escola? Ou com mais alguns posinhos?

Estamos capazes de concorrer, já que duas vezes somos meninos.

Aparece brevemente:



Edição da Revue Graphica Lisboa

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

O grande critico inglês Dunton Green chamou-lhe Harun-al-Rashid.

E' pouco! E' mesmo muito pouco! Já agora podia-lhe ter chamado Allah!

O continente, as ilhas e as colonias prosternam-se a seus pés, banzados de tanta sabedoria...



SEGUNDO os mais recentes métodos da critica europeia, e aprovados no ultimo Congresso, ninguém pode fazer, em Portugal, uma peça sem que tenha por modelos Pirandello, Lenormand e Shaw.

Como a comedia dramatica de Tomaz Colaço, *Duas Chamas*, é originalmente dele... não presta.



CONSTA-NOS que a obra teatral de Antonio Bôto se intitula: *Um pau por um olho*.

Estamos por aqui para receber o desmentido...



POR tudo e por nada se exhibe o fonofilme *A Severa*, se representa a opereta *A Severa* e se faz reprise do drama *A Severa*.

A Severa, no nosso teatro, é assim uma especie de taboa de salvação!



CORINA Freire vai reaparecer no *Mezilhão*.

Optimo marisco!...



ERICO Braga regressou á cena, interpretando a *Boa Sorte*.

SCENAS DA VIDA



—Somos tão desgraçadas que a nossa casa até só tem meia porta!

Ao Erico, que foi passar o verão ao Estoril, desejamos-lhe boa sorte no teatro...



A *Cesar o que é de Cesar*.
Ha pouco, a Inspeção Geral dos Espectaculos resolveu, e muito bem, que aos autores que queiram representar as suas peças seja arbitrada pela respectiva empresa um ordenado X, que reverterá a favor do Gremio dos Artistas. Isto, certamente, para evitar que haja mais artistas desempregados e, ao mesmo tempo, para não haver confusão de profissões.

Sucede, porém, que alguns actores, a quem de resto nos prendem laços de maior amizade, decidiram começar a escrever e a traduzir peças, allás com bastante brilho.

Preguntamos agora:
Para quem reverterem os direitos? Não se applicará a eles o novo e justo criterio da Inspeção Geral dos Espectaculos sobre autores-actores?



OS bons exemplos fructificam!
O sr. Vasco Sant'Ana, um dos

autores da revista em cena no teatro Avenida, resolveu, á semelhança do seu colega Tomaz Ribeiro Colaço, interpretar alguns papeis na sua peça!...



TAMBEM José Gambôa, seguindo o exemplo de Tomaz Ribeiro Colaço e Vasco Sant'Ana, vai entrar nas peças em que é tradutor!...



EVA Stachino vai naturalizar-se portuguesa.
Já o era — antes de o ser!



A *Nau Catrineta* não se afundou!
Vogou por entre uma tempestade de aplausos, tendo delatado ancorado no Maria Vitoria, as velas, enfunadas pela brisa, auxiliaram á tripulação o trabalho de guinar para porto de salvação a *Nau Catrineta*, que naufragou de conserva.
Este bocadinho até parece do Cardoso dos Santos.

FOI bem dançado o *Vira* no Avenida. Vasco Sant'Ana, apesar de gordo, levantou bem a perna e dançou tão bem que o publico, cá fóra, já diz:

— *Vamos ao Vira!*



COSTINHA faz tão admiravelmente o *travesti* de actriz de variedades que até já recebeu varias declarações de amor... culinas.



JOAQUIM Almada, na *Boa Sorte*, faz de professor de musica.

Qualquer dia temo-lo a tocar... gramofone!



TOMAZ Ribeiro Colaço escreveu, no dizer dum *entendido*, uma peça genero antigo, *Duas Chamas*.

Podemos informar que Tomaz Colaço tambem vai escrever teatro moderno e que a sua nova peça se intitula:

Duas lampadas ciccirinas



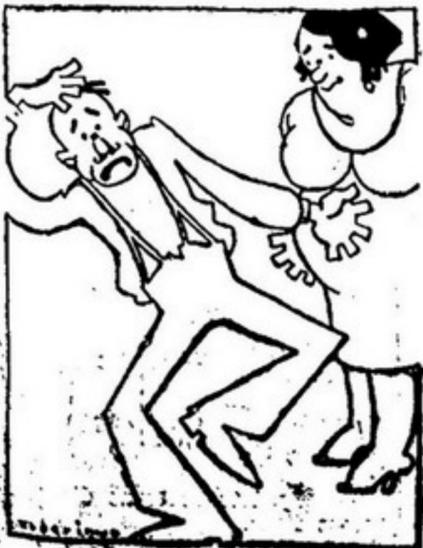
OS jornais de quasi todas as nações tem publicado muitos artigos ácerca de Portugal, fazendo as mais lisongeiras apreciações.

Apenas de Italia ainda não chegou nada referente ao nosso pais.

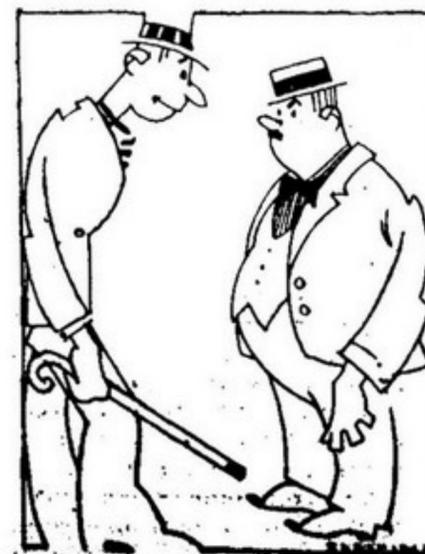
E... ao que nos consta, o Pirandello foi daqui muito bem impressionado.

Muito bem impressionado... mas talvez não.

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



(O homem de todas as horas)
— Olha, até que enfim, já sabes onde ele está!



— Emprestas-me 20 escudos?
— Aqui não os tenho.
— E em casa?
— Estão bons, muito obrigado.

Coisas do Evangelista

As duas grandes ambições do meu amigo Evangelista consistiam em encontrar uma mulher que o amasse e um automovel em segunda mão que estivesse á altura das suas possibilidades financeiras.

Já o Evangelista tinha conseguido a segunda das suas vontades, comprando um razoavel carro «Mercedes», quando a primeira lhe surgiu, na pessoa duma interessantissima Mercedes de carne e osso.

Encantado com a sorte e com a coincidência entre a marca do carro e o nome da eleita do seu coração, começaram para o meu amigo a correr tranquilamente os dias, entre os afagos da esposa e os ruidos do motor. O Evangelista já sabia passar da primeira para a segunda, já se tratava por tu com os furos, e já agarrava a buzina com a naturalidade d'um automobilista.

Passaram tempos, e encontrei o meu feliz amigo seguindo a ré, triste e abatido, no Matadouro (que os amigos tipografos se não esqueçam da virgula, porque não pretendo dizer que o meu amigo foi abatido no matadouro...)

Admiron-me vê-lo assim e inquirei dos motivos de tal preocupação.

O Evangelista explicou então: — E' que cheguei á conclusão que isto de «Mercedes» são todas iguais e que as mulheres e os automoveis se podem medir pela mesma bitola! O preço de compra não é, em nenhum deles, exorbitante. O pior vem a ser, depois, a *garage* e as reparações...

O Evangelista, ás vezes, pretende ter graça. E' porém quasi certo que a cada dito, daqueles a que ele chama «uma boa piada», tem o nosso amigo a infelicidade de apanhar uma resposta que o deixa, positivamente, de cara á banda.

Assim aconteceu ha dias, quando o Evangelista pretendia tomar um vapor da carreira de Covilhas, aonde precisava de ir, em visita a um cunhado que tem o sapateiro. Chegou o nosso amigo ao cais e, vendo já o vapor a abarrotar de passageiros, perguntou ao cobrador dos bilhetes: — Já está cheia, essa «Arca de Noé»?

— Olhou em volta, a pretender ler nos rostos dos assistentes o efeito da «gracinha».

E o cobrador, então, respondeu calmamente:

— Não senhor! Pode entrar. Ainda faltava um animal!

— Não ha o direito! — dizia ha dia, exaltado, o Evangelista. — Cada vez é menor o numero de nascimentos, porque os pais e as mães o evitam de todas as maneiras e feitiços. E ainda por cima, como se não bastasse a deshumanidade do seu acto, vêm-nos publicamente declarar que procedem dessa maneira anti-patriótica e anti-legal!

— Mas o que foi? — interroguei, admirado, o meu amigo. — Quem se atreve a fazer, publicamente, uma declaração dessas?

— O Evangelista mostrou-me, então, uma illustração em que, por debaixo do retrato duma formosissima senhora, se lia a seguinte declaração do fotografo:

«Proibida a reprodução».

ANIBAL NAZARÉ

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77



— O Alfredo prefere os produtos nacionais aos estrangeiros e tem razão. Cá já se trabalha tão bem como lá fóra.

O habito de mentir

O Epifanio — como muita gente não sabe — tinha a mania das grandezas.

A proposito de tudo, a proposito de coisa nenhuma, era cada carapetão de espantar.

Ganhou fama de intrujão pelas recandezas, e o caso é que ninguém dava crédito ao que ele dizia porque, no final de contas, já o conheciam de ginjeira.

Um dia, o nosso homem ausentou-se para uma terra da provincia, aonde foi em negocio, salvo erro. Acompanhou-o na digressão um dos seus amigos mais caros, tendo-lhe recomendado com a devida antecedencia que tivesse muito cuidadinho com a lingua, que não se excedesse com as suas velas costumadas, pois que nem em toda a parte elas caíam bem.

Que sim. Que não haveria novidade — prometeu o Epifanio.

Uma vez na terreola em questão, e feita a negociata, os dois amigos foram petiscar alguma coisa a um restaurante qualquer, desses de meio *caractel* — que já iam sendo horas e o estomago reclamava em altos brados o que quere que fosse.

Fra uma sala ampla, arejada, com abundantes mesas e quasi todas ocupadas. Não admirava, porque era dia de feira.

Depois do repasto, que foi succulento, o Epifanio pôs-se a conversar para o amigo.

— Já me conhecees ha muito tempo, não é verdade, Prudencio?

— Conheço.

— Eu cá não gosto de miserias. Olha, o que possuo não chego a comê-lo, e tenho a certeza de que, se de hoje para amanhã esticar o pernil, os meus filhos nunca chegarão a comer o que eu lhes deixar.

O amigo, prevendo já grossa mentira, fez-lhe sinal puxando-lhe pelo casaco. Que tivesse cuidado, estava ali gente estranha e não convinha estar com essas coisas.

Isso sim. O Epifanio continuou:

— Imagina que em minha casa são seis pratos a cada refeição. O dinheiro, então, anda por lá a os trambulhões. Ainda um dia destes fui dar com o meu filho mais novo aparando um papagaio com uma nota de cem escudos e preso por um dos muitos cordões que a minha mulher por lá tem. E' claro, não level a bem e ferrei-lhe duas sapatadas no... rosto.

Toda aquela gente que estava abancada ouvia com indignação a basofia do Epifanio que, pela forma elevada como se exprimia, parecia desafiar o mundo inteiro. E já se murmurava:

— E' por causa destes e doutros que a vida vai pela hora da morte. Isto só enforcando-o como ao Judas. Uns com tanto e outros sem

coisa nenhuma, com a barriga a rebentar de necessidade!

A coisa parecia tomar proporções arriscadas, e o amigo do Epifanio, apercebendo-se do perigo que corriam, procurava por todos os meios suavos calar o seu companheiro, que estava mesmo insuportavel de todo.

Mas qual, o quê? O Epifanio prosseguia no seu sermão, sempre no mesmo tom de ré maior, satisfeito, até, por vêr a indignação dos outros.

— Homem! Explica-te, com mil raios, que esta gente imagina que tu de facto és rico e esbanjas para cá dinheiro a torto e a direito! — disse-lhe prudentemente o Prudencio.

Ao que o Epifanio, sem se alterar, retorquiu:

— Sustento o que digo e não ponho duvida em ser mais claro.

A revolta era geral. Estava ali decerto um potentado, o rei de qualquer coisa, como os da republica norte-americana, e afinal de contas tanta miseria por essas ruas de Cristo, tanta necessidade. Estes individuos que tem o dinheiro todo aferrolhado e o gastam atabalhoadamente, sem pagar um copo a um amigo ou dar uma esmola a um pobre, é que provocam a carestia da vida e tornam esta difficil como burro. Só a tiro! Só o machado ou a picareta em braço!

A onda tomava cada vez maior incremento, até que a instancias do seu amigo, que já não sabia de que terra era, na certeza de apanhar uma sova, o Epifanio resolveu pôr as coisas no seu lugar, pondo o branco no preto e o espirito daquela gente no estado de acalmção tão necessario para o seu corpo debil de pessoa mais ou menos reumatica e, quiçá, cardiaca:

— O' seus almas de cantaro, pois vocês ainda não adivinharam que eu sou serralheiro mecanico?!

E continuou:

— Nem eu nem os meus filhos havemos de comer o que possuo porque, de meu, tenho apenas duas maquinas de ferro — e esse metal é intragavel. Uso seis pratos a cada refeição porque na minha casa, á hora de comer, somos: eu, minha mulher e quatro filhos, ao todo seis pessoas. A nota com que um dos meus filhos fez o papagaio, que tanto vos fez ir ao ar, era uma nota... de crédito. E o cordão — minha mulher é teceadora, tem lá muito disso, graças a Deus.

Riram todos com a piada — e o amigo respirou fundo, recuperando a cor que, aqui para nós, era vermelha como barro... quando foge.

MAXIM.

Graça dos outros

Entre amigos:
— Parece que os melhores matrimonios são aqueles em que os esposos se parecem menos!
— Foi por isso que te casaste com uma esposa tão inteligente...

Procurando casa:
Ele: — Não gosto deste andar! As janelas dão para um cemiterio!
O proprietario: — Melhor ainda! Não terá visinhos que toquem grafonola nem piano...

Na prisão:
A dama caritativa, visitando os presos: — O que poderei fazer para lhes alegrar a vida?
Um deles: — Bailar um «one-step». Eu e os meus companheiros gostamos muito!...

Durante o baile:
Ela: — Gosta de dançar?
Ele: — Muito, minha senhora!
Ela: — Então porque não aprende? E' tão simples...

O alfaiate, com a conta: — Como? O seu patrão não está em casa? Mas eu vi-o á janela!
A criada: — Tambem ele o viu! E' por isso mesmo...

Entre amigas:
— O teu marido sofreu sempre como agora?
— Sempre! Desde que nos conhecemos...

No Banco:
O empregado: — Desculpe, sr. director. Diz-me se a redução dos salarios que se anuncia cá na casa me atingirá?
O director: — Não, senhor! Será despedido antes de começar essa redução!...

O patrão: — Já não tenho charutos na caixa que comprei antontem?!
O criado: — E' possível! Fumamos muito!...

Na praia:
— Porque é que tu, nadando tão bem, não salvas aquele desgraçado?
— Espera um pouco! Quero vêr se é verdade que se sobe três vezes á superficie antes de morrer afogado!...



— Ponha três vezes ao dia compressas frias.

— Mas, doutor, ontem tinha-lhe dito que as compressas eram quentes!

— Mas, meu amigo, não pode calcular o que a medicina tem progredido de então para cá...

Elevador da Gloria

No hotel:

O criado: — Senhor gerente! O hospede do quarto n.º 26 foi-se embora, levando o relógio que estava na parede!

O gerente: — Por isso ele me disse que levava do hotel uma boa recordação...

* * *

Na prisão:

O director: — Porque está preso?

O detido: — Porque quebrei a vitrine duma ourivesaria com uma pedra...

O primeiro: — Suponho que devas estar arrependido do teu acto!

O segundo: — Sim, senhor! Devia ter usado um martelo...

* * *

Entre amigos:

— Que viste ontem no teatro?

— Muitas coisas, entre elas, que o Antunes quebrou e que a Assunção se divorciou...

* * *

— Porque bebes vinho num copo tão grande?

— Porque o medico disse-me que bebesse só um copo por dia...

* * *

No jardim:

— Meu querido Antonio, ha meia hora que te estou observando e vejo que não estás muito alegre!

— Não me fales! Esteu com minha mulher...

* * *

Ela: — E se eu recusar a minha mão, o que faz o senhor?

Ele: — Abro falencia!...

* * *

Entre amigos:

João: — Pouco caso faço dos teus insultos! Mas o pontapé que me deste, esse tenho-o no coração!

José: — Não exageres, homem! Não foi aí que eu t'o dei...

* * *

Certo juiz encontrou um rustico e perguntou-lhe:

— Para onde vais?

— Não sei, senhor juiz, — respondeu secamente o homem, continuando a andar.

— Malcriado! — vociferou o juiz.

— Vou ensinar-te a responder em bons termos!

E mandou-o prender.

— Veja lá, sr. juiz, se lhe resalta porventura eu adivinhar que pondi a proposito ou não... Podia lá para a ceia? ...

O juiz riu-se e soltou o homem.



— Então já te foste abaixo?!

— Que queres filha? Estive 10 anos na America do Norte e já perdi o freio...

Como vive a alfacinha

Chama-se D. Prodígiosa dos Prazeres e tem um sinalinho maroto e em zig-zag ao canto da boca, como aquelas taboetas das estradas avisando os automobilistas de que ha ali uma curva perigosa. Na verdade, não ha nada mais perigoso do que uma boca de mulher — perigosa para os homens e para as moscas.

Quando nos aproximamos, D. Prodígiosa fecha a caixa das meias e abre a boca num sorriso:

— Que deseja?

— Uma entrevista.

— Atrevido! O senhor julga que eu dou assim entrevistas a um homem que não conheço?

Ficámos perplexos e explicámos:

— Uma entrevista para o jornal.

— Ah! dessas, sim. Sempre é uma entrevista á vista de toda a gente. Estou ás suas ordens.

— Gosta da sua profissão?

— Para lhe falar com franqueza, gostava mais de ser das mulheres que compram do que das que vendem. O senhor compreende: gostava mais de ter um patrão que me desse o dinheiro para fazer compras numa loja de modas, do que ter, como tenho, um que me dá apenas fazendas para vender. Aqui expomo-nos a muitas coisas. Bem vê, no melhor pano cai a needa.

— Concorde com o feminismo?

— Concorde mais com o masculinismo. E' essa a aspiração de todas as mulheres, aspiração que acaba no casamento, e para isso, como sabe, é indispensavel o elemento masculino, apesar de que algumas colegas... cala-te boca...

— Aspira então a casar-se?

— Faço por isso. Mas o mercado está cada vez pior. Não vê o senhor que nós somos muito prejudicadas pelas contrabandistas.

— Mas fala da loja ou do casamento?

— Falo do casamento. O freguês que pode obter a fazenda sem direitos, sem encargos, não hesita, decide-se pelo contrabando.

— Pode dizer-me como encara a vida?

— Não posso. O patrão não gosta de ouvir falar em caro. E ele pode entrar por aí.

— Concorde que a mulher tenha voto?

— Absolutamente. O tempo da escuratura já lá vai. A mulher deve ter voto para vir-se as coisas se andarem. Visto que os homens teem dado pessimas provas.

— Gosta de lêr?

— Imenso, especialmente os folhetins do *Diário de Noticias*. Uma pessoa põe-se a lêr, a lêr, a vêr, por exemplo, como um rapaz se declara á sua apaixonada, e, quando se está no melhor, zás, *continúa*. O resto fica para o dia seguinte e, entretanto, a gente 'em uma noite para fantasiar a resposta dela. A's vezes até sonho e misturo o folhetim com as fazendas.

— Deve ser muito engraçado.

— Não imagina. Ora deixe vêr e me lembro... Uma vez senhei que o protagonista estava a querer convencer a Margarida (sim, ela chamava-se Margarida) a dar-lhe uma entrevista — uma entrevista, mas das outras — e nisto misturei o folhetim com as coisas da loja e, depois de muitas complicações, de ter andado pelo ar como os passaros e de me encontrar á beira dum abismo, só agarrada a um galhinho de oliveira, vi a Margarida a discutir com ele o feitiço dum vestido de crepe da China e — veja o senhor que disparate — ela a teimar que o queria com um macho e ele a pretender desmanchar-lhe as pregas. Quando acordei até me deu vontade de rir e, afinal, nem Margarida, nem vestido, nem pregas, nem sequer macho. Era tudo sonho.

— Tem predilecção por algum autor?

— Sim, senhor, pelo Dekobra, mas esse, infelizmente, não vem em folhetins. Quem quizer tem que o levar todo de uma vez e para o meu gosto não ha nada como os romances amorosos, mas, como lhe disse, ás pinguinhas. Tá tá tá tá e zás, *continúa*.

— E de desportos, gosta?

— Gosto muito de equitação, mas até hoje ainda não consegui arranjar mais do que um cadete de cavalaria.

— Era um principio.

— Era, mas logo que via que ele se queria meter em cavalarias altas, tinha que fazer como nos folhetins, zás, *continúa*. Ficava para o dia seguinte, mas ele por fim aborreceu-se e lá se foi o meu sonho de cavalaria.

— Tem ideias politicas?

— Dizem as minhas colegas que sim, mas eu não acho.

— Então qual é a sua ideia?

— Dizem elas que eu sou intrigalista.

A RETALHO...

Ha dias, quando do regresso de um grupo de creanças que estiveram a banhos, por iniciativa do nosso colega *O Seculo*, houve uma pequenina festa, durante a qual muitos dos petizes de ambos os sexos cantaram a seguinte quadra:

*Cruz Quebrada, Cruz Quebrada,
Que bem o teu nome sóa!
Viva o jornal «O Seculo»,
Qu'è o maior de Lisboa!*

* * *

Durante o Congresso da Critica, um jornalista do Porto fala a um colega espanhol da crise que o jornalismo racional atravessa, ao que *nuestro hermano* responde:

— *Al-cá-lá más juás ha!*

* * *

Um jornal de Cascais inseria ha dias uns curiosos versos de um irradissimo «Ignotus» á sua *Maria do Céu*. Uma amostra do *estro poetico* do piramidal autor:

*E esses dois bolõesinhos
Que em teu peito ainda são?
Cabiam ambos juntos
Na palma da minha mão!*

*E, hoje, pergunto eu:
Que é feito dessa moquinha
Que tantos beijos me deu
E tu dizias só minha?*

*Anda em louca romaria
Por outras bocas em festa;
Coitada! Quem tal diria!
Tão nova e tão deshonesta!!*

* * *

Num exame de Direito Internacional, O professor irritado com a pessima prova de um dos examinandos:

— Basta, senhor. E depois de isto tudo, o que quer o senhor que eu faça?

O aluno, com uma «lata» mais do que estrebada:

— Coisa simples, sr. professor. Que me dê, ao menos, dez valores para eu passar.

E o certo é que passou.

* * *

O nosso Luis Figueira passa no Chiado e dele se abeira um individuo, que lhe diz, ao mesmo tempo que o aoraça:

— Ha quanto tempo que eu andava morto por encontrá-lo! Até me emfim, graças a Deus, até que emfim!

O Figueira, confuso:

— Mas o cavalheiro está, por certo, enganado. Eu não tenho a honra de o conhecer!

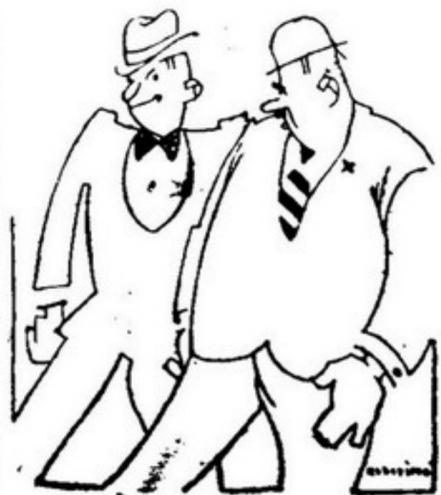
O outro:

— Graças a Deus, sim, graças a Deus que encontrei um homem mais feio do que eu...

* * *

Um jornal de Ilhavo publicou a seguinte humoristica declaração:

«Francisco Maria de Matos Vidal; como guarda da floresta da Gafanha da Vagueira, por não querer deixar roubar o que estava ao seu cuidado, foi ameaçado por João Ferreira Pimentel, filhos e filhas, no dia 13 do mês passado, ás 10 horas da noite, partindo-lhe os vidros das janelas. Chamou por Francisco Maria de Matos Vidal para o matar, bem como sua mulher e uma innocente de 8 anos. Não sendo, como se appareça morto, foi ferido, sobre a familia dos Pimentels me queixo. — Gafanha dos Caseiros. — Sr.º do Carmo.»



— Minha mulher não tem nada de parva, hez sabendo.

— Então, porque demónio estás tu a comigo?...

Cacharolete

Formou-se uma manifestação que, depois de ter apedrejado o convento dos jesuitas, do qual não ficou inteiro um único vidro, se foi queixar ao governador civil.

(Dos jornais).

Lá agora num jornal telegramas de Madrid com proesas dos rapazesidos de Valladolid para a cidade de Burgos, vendendo um jornal católico, cheios de grande coragem e de fervor apostólico.

Nem todos os burgaleses são da mesma opinião. Fez-se logo a seguir grande «manifestação», com vivas, morras, pedradas, fogo, cabeças partidas, jornais queimados nas ruas e muitas pessoas feridas.

Tudo isto se compreende nestes tempos agitados; mas houve, depois, um facto que nos pôs embasbacados: Agridem, partem, insultam, não deixam manifestar-se quem não pensa como eles! — E ainda vão queixar-se?!

O HOMEM DOS TIMBALES.

Esta cena passou-se no Central, já quasi ao fim da fita: Fizera a sua entrada triunfal Uma mulher bonita, Que foi sentar-se ao lado dum sujeito De aspecto grave e sério. Mas, ou porque ele desse qualquer getto, Ou por qualquer misterio. A saia, dentro em pouco, era alarmada P'la voz da tal senhora: — Se o senhor continua a encostar-se, Embora com pericia, Eu juro que, ao sair, val hospedar-se Na esquadra de policia!... Então não querem ver o D. João Tenorio de caserna?... Julga, talvez, que eu tenho obrigação De lhe amparar a perna!... E um guarda, dos que estavam de serviço,

Ouvindo o aranzel, Agarra no sujeito metedico E leva-o p'ra o Torel.

— Senhor juiz — clamava agora o reu, disposto para a liça — Zu juro pelos santos lá do ceu Que aqui ha injustiça. E senão, reparal, reparal bem Que a jura não é falsa!... (E assim falando, chelo de desdem Foi levantando a calça...) Oá deus! fôra um engano desastrado Aquela detenção... E tanto que o illustre magistrado lhe deu a absolvição.

Aquele infame, aquele vil tratante, Não era assim tão mau. Pois, como todos vram nesse instante, A perna... era de pau.

A. ESSE (filho)



— Não vêes que é o fato de banho que faz os corpos elegantes? Vou compra um para o vestir e verás que diferença vais notar no meu corpo.

Praça do Brazil S. Bento

REMINISCENCIAS...

Viera a guerra. Anastacio Penduras — o sr. Anastacio, como ele gostava que lhe chamassem — deitou contas á vida e pensou de si para si: nas terras dos cegos quem tem um olho é rei. E fez-se negociante por grosso, estabelecendo o seu comercio na rua dos Bacalhoeiros. A colsa deu. Numa remessa de vinhos para França ganhou quatrocentos contos. Depois entrou pelas conservas. Cabeças de nabo e fatias de cenouras, em latas de sardinha. Um ano depois estava millionario. A dois anos do negocio fez-se pessoa importante, botou farpela á novo-rico e comprou uma quinta em Dois Portos, que era mesmo um amor.

A casa passou-a a um compadre, de quem se dizia protector e amigo, com cento e cincoenta contos de lucros.

Uma vez em Dois Portos, a vida do nosso homem foi de vento em popo. Passou a benemerito, com fumaças de homem conhecedor e até certo ponto erudito em assuntos literarios. Comprava o *Seculo*, o *Diario de Noticias*, sem dispensar, á noite, para a socega, o papá *Diario de Lisboa*.

— São o pão do espirito! — dizia á noite, na farmacia da terra, na roda dos amigos.

Um dia mandou fazer uma secretária e uma estante, em mogno, «porque era mais bonito, mais resistente e sempre tinha outro peso». Só depois de ter os moveis em casa é que deu pela falta dos livros. Não hesitou. Chamou o mestre carpinteiro e ordenou-lhe paternalmente:

— Olha lá: toma-me aí as medidas das prateleiras e compra-me uns metros de livros, mas que sejam bons e bonitos. Não me tragas para cá meudagem, que faz mau e'ito.

O outro obedeceu-lhe e comprou-lhe sete metros e meio de dicionarios, todos do mesmo tamanho e com encadernações iguais. Anastacio Penduras ficou satisfeitissimo.

Outro dia, andava a passear na quinta e parou junto dum pequeno lago onde dois patos enormes se lavavam com dificuldade. Anastacio, coçando o queixo, monologou apreensivo:

— Estes diabos dão-me cabo dos patos, que me custaram uma fortuna!

E, chamando o caseiro, disse-lhe, com o sobreceño carregado:

— Has de dizer ao pedreiro que me faça aqui um patíbulo maior. Neste nem os animais andam á vontade. Esse pedreiro é uma bêsta e não sabe com certeza que para ter aqui estes bichos, que são de raça, tive que estudar o assunto. Até mandei vir de Paris uma patologia completa!

O outro arregalou muito os olhos e disse depois para os companheiros:

— Isto é que é um home! Sabe mais do que um ministro!

Mas Anastacio Penduras tinha um fraco — a politica. Ser presidente da Junta era para ele uma tentação irresistivel. O chamarem-lhe «Sr. Presidente» era-lhe tão agradável como sair-lhe a sorte grande numa lotaria do Natal. Atirava com a sua enorme pança para a frente, puchava duas fumaças seguidas do charuto, punha os olhos em alvo e agradecia, babado de gozo. Mas esta mania custava-lhe três coisas — socego de espirito, dinheiro do bolso e a vergonha da cara.

Em vespas de crise, o pobre rovo-rico nem dormia, a magiar como é que havia de aderir ao novo governo e ás vezes ao novo partido, para que lhe não tirassem a sua indispensavel presidencia. Isto foi dando nas vistas. O ridiculo foi-se acumulando sobre a enorme pança do Anastacio Penduras, até que um dia o farmaceutico não se conteve e disse-lhe nas bochechas da cara:

— Amigo Anastacio: você muda de politica como quem muda de camisa. Isso é demais!

Penduras fitou o inconvenientissimo boticario, tirou três fumaças seguidas do seu charuto presidencial e disse-lhe, perante o pasmo dos circunstantes:

— Sabe que mais, meu amigo? Você é parvo, não percebe nada disto! A minha politica é só uma. Para mim toda a politica me serve desde que me sirva!...

Afinal de contas, era um simbolo, este Anastacio Penduras...

JOAO-JACQUES ROSSOU



— Quem seria o filista que inventou as espingardas de dois canos? Tenho a certeza que se tivesse tido matava aquela lebre.

Noticias do dia

Do Estrangeiro

Na muralha da China

XANGAI, 73. — (Pelo telefone). — Perto da muralha da China, um chinês viu-se grego porque um soldado japonês que estava junto á muralha não o deixou ultrapassar esta sem pagar o bilhete, tal como costuma succeder ai no Parque Mayer. O chinês não pagou, motivo porque o japonês, que tinha um chapéu de côco na cabeça, o maltratou.

As inundações na China

MUKDEN, 20. — Treze milhões de soldados japoneses inundaram toda a região da China, pouco mais ou menos setentrional, quasi ao norte da Mandchuria. O Governo chinês resolveu tomar já as necessarias providencias, começando por apenas consentir a entrada na China aos soldados japoneses que tenham um passado limpo de magua.

Fogo num jazigo de petroleo

CALIFORNIA, 17. — No cemiteiro do «Plazier's», na Nova California, ardeu um jazigo de petroleo até ao fim. A familia do petroleo, que o apanhou inclinerado, resolveu exigir, da Companhia de seguros onde o jazigo estava seguro, a importancia do seguro.

Os acontecimentos de Chypre

NICOSIA, 42. — O conhecido general Coty continua nas suas negociações com Chypre, mas com tanta complicação que até já cheira mal ouvir falar em Chypre e em Coty.

Na Provincia

As primeiras chuvas

MONTEMOR-DE-MEIA IDADE, 31. — Cairam nesta região as primeiras chuvas, que vieram fazer muito bem ás colheitas.

As segundas chuvas

MONTEMOR-DE-MEIA IDADE, 32. — Cairam nesta região as segundas chuvas, que vieram fazer muito mal ás colheitas.

Festas importantes

ALDEIA DE PAIO PIRES, 21. — Tudo se prepara para que as festas, este ano, sejam mais do que nunca brilhantes. Já foram convidadas quasi três bandas de musica, estando a ser montado no largo principal o coreto que se construiu a quando da vinda da banda dos Bombeiros Voluntarios de Madrid, o que não se chegou a efectuar por motivos imprevisos. Para estas foram tambem convidados a assistir varios individuos muito bem vistos nesta risonha região. — (Correspondente).

De Lisboa

Crime de fogo posto

Ontem, perto das vinte e três horas, registou-se na rua Maria Pia uma tentativa de assassino por fogo posto. Antonio Borrego, que já ha tempos desconfiava de que a sua mulher lhe era infiel, resolveu ontem, ao chegar a casa, depois de muito instado, regá-la com petroleo como quem rega um vaso de mangerico e largar-lhe depois o fogo. Acudiram os bombeiros, que apenas puderam verificar o obito. O facinora foi preso sob a acusação de passador de moeda falsa.

Querels dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua de August, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

As distrações do Nunes

O meu amigo Miguel Nunes é a pessoa mais distraída deste mundo. Rapaz de sociedade, muito bem visto por todos que com ele convivem, o pobre do Miguel tem este horrível defeito.

A sua última distração foi de tal ordem que resultou de uma quebra de relações entre o Nunes e todos os seus amigos.

Foi o caso, que eu conto em duas palavras, que o Nunes, um dia destes, foi passear ao campo góssinho e levando consigo uma merenda. A certa altura resolveu descansar um pouco e comer, sentando-se por isso á beira da linha do caminho de ferro.

Dai a pouco passa por ali um comboio, que descarrilou quando passou perto do Nunes, soltando-se a maquina do resto dos vagões, a qual revalou pelos rails e veio cair junto da merenda que este estava comendo. Distraidamente, o Nunes agarrou na locomotiva e começou a trincá-la, acabando por a comer toda.

O maquinista, que queria carilar o comboio, procurou a maquina por todos os lados, não a encontrando e resolvendo-se por esse motivo a pôr anúncios nos jornais.

O Nunes comeu o resto da merenda e veio para casa muito satisfeito com o passeio que tinha tido. Chegou a casa, jantou e contou á familia tudo, inventando logo a historia com o seu feitio de distraído, pois disse á familia que foi ele que descarrilou o comboio e que esteve sentado á beira da linha a comer a merenda.

Passou-se um dia, passou-se outro e nós, todos os seus amigos, com vermos o Nunes. Aqui ha dias voltei a encontrá-lo, tendo que zangar com ele e, como eu, assim procederam todos os amigos com quem falou.

O motivo da zanga foi este: estavam nós muito bem a falar com o Miguel Nunes quando, sem mais nem menos, ele começou a apitar e a deitar fumo por sitios inverosímeis. Claro que ficámos ofendidos; era uma falta de respeito por todos nós.

Aqui ha talvez uns dois dias é que eu soube o motivo porque o Nunes deitava fumo e apitava, e lamentei-o.

O pobre Nunes, coitado, perdera os amigos devido á sua distração, que fez com que ele, distraidamente, comesse a maquina do comboio.

MANOEL DUQUE.

Através de Africa

O papá *Diário de Lisboa* informa que está já estabelecido o horário do novo serviço combinado de comboios entre Lourenço Marques e Lobito. De Moçambique a Angola e vice-versa haverá ligação ferro-viaria duas vezes por semana.

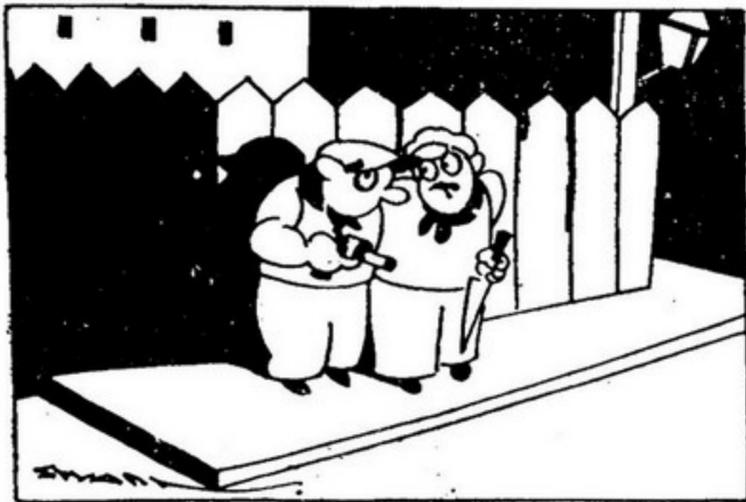
O percurso é de 3.500 milhas e demorará dez dias a fazer-se. Cada 12 dias, haverá um comboio de luxo que comunicará no Lobito com os paquetes da «Compagnie Belge Maritime».

As viagens de Serpa Pinto e Capelo e Ivens, realizadas através de tantos perigos e dificuldades, passaram a ser feitas pacificamente, burguesamente, sem o mais ligeiro sobressalto, com o maior conforto — refrigerantes; T. S. F., restaurante, boas camas e, de vez em quando, lá muito ao longe, o rugir do leão, vencido, esmagado pelo progresso.

Comentando isto, pergunta o *Diário de Lisboa*:

«Quem será o primeiro viajante português?»

«Ora quem ha de ser? O sr. Lopes da «Vacuina», que, segundo nos consta, já está a preparar as malas...»



— O cobrador não ha maneira de aparecer! Deus queira que não lhe tenha sucedido alguma fatalidade!

O sorteio do animal

Eravam quinze, os frequentadores assíduos do club.

Todas as noites nos entreteníamos jogando o *bridge*, e em algumas succedia perder-se o dinheiro e a serenidade — o que não vitava de lá voltarmos, no dia seguinte, á procura da desforra.

Des quinze, todavia, havia um só que, quere perder-se, quere ganhar-se, mantinha a mesma serenidade, a mesma fleugma: o Pascoal Rezende.

De todos se sabia a vida, menos dele. Perdia, por vezes, coisas importantes, mas ninguem lhe retava um gesto de enervamento. Era, como se diz em gíria de jogador, um homem que «sabia perder». E porque era assim, ninguem procurava saber onde ia ele buscar o dinheiro.

Quando appareceram alguns socios desconfiando do Pascoal Rezende, começaram a vigiá-lo. Observavam-no com mil cuidados, para vér se ele fazia trapaças. Mas, ao cabo de um mês, ele tinha ganho toda a nossa simpatia.

Começámos a gostar dele, a achá-lo, um excelente rapaz e um jogador honestíssimo. E nunca mais procurámos saber da sua vida, porque estava provado que era um rapaz sério.

Um dia, porém, desvendou-se um pouco o mysterio: os jornais, na secção de desportos, traziam a noticia de que na corrida de cavalos, a realizar dentro de oito dias, corria o cavallo «Rápido», propriedade do sr. Pascoal Rezende.

Ficámos satisfeitos por se levantar um pouco o véu daquela vida e, ao mesmo tempo, orgulhosos do consocio.

O certo é que, quando a corrida se realizou, tivemos o prazer grande de saber que o «Rápido» ganhara o primeiro premio. E á noite, quando o Pascoal Rezende chegou ao club, todos o felicitámos vivamente; mas ele, fizesse embora um grande elogio do cavallo, mostrou a serenidade de sempre — como se o caso não tivesse importancia de maior.

Decorreu um mês e, entretanto, sempre que lhe preguntavam pelo «Rápido», o Rezende ia dizendo que o ajudava treinando para a proxima corrida, tendo já a certeza de ganhar o primeiro premio, ou seja a agradável soma de dez contos.

Naquella noite jogava-se, como de costume, o *bridge*. O Pascoal, sempre a perder, mostrava uma calma extraordinária.

Em certa altura, um green trouxe um telegrama para o Rezende, que o abriu serenamente. Subito, vimos o nosso parceiro fa-

zer-se branco, como se um tremendo desgosto acabasse de o ferir.

Porém, momentos depois, ganhava a serenidade de sempre. E continuou a perder, calmo, sereno, como se nada se tivesse passado.

Na noite seguinte, a meio do jogo, o Pascoal Rezende contou-nos que estava arruinado. Ardeira-lhe uma propriedade que ele, desgraçadamente, não tinha no seguro.

Ficámos com pena dele e, sobretudo, quando ele nos disse que, para fazer face á sua vida, tinha de vender o «Rápido», o celebre cavallo.

— Se algum de vocês o quere comprar — disse ele — vendo-o já por quatro contos e quinhentos. Olhem que fazem negocio.

A importancia, para nós, era avultada, e ninguem mostrou coragem para ficar com o animal.

— O melhor — tornou o Rezende — é fazermos catorze rifas de trescentos mil réis. Da quatro contos e duzentos.

Cinco minutos depois, o Pascoal Rezende recebia de cada um de nós trescentos escudos.

Fez-se o sorteio e a sorte favoreceu-me porque o cavallo saiu no numero 13, que eu escolhera.

Fiquei satisfeittissimo. Combinámos o encontro para o dia seguinte, pelas 7 da manhã, para a entrega do cavallo. Tomaríamos um automovel, indo em seguida ao Lumiar, onde o Rezende tinha a cocheira.

Gentilissimo, como sempre, ele chegou ao local marcado primeiro do que eu e, quando nos apeámos, pagou o automovel.

Entrámos para um quintal grande. O Rezende mandou-me esperar. Subi uma escada e, três minutos depois, apparecia-me branco como a cal da parede, precisamente no mesmo estado em que a gente o vira na noite do telegrama...

— Que tem você? — perguntei.

— O «Rápido»...

— Que foi?

— Morreu esta noite... Que desgosto... Você tenha paciencia... Não repare no meu enervamento... Que pena! Um cavallo tão lindo... Eu não tenho o direito de ficar com os seus trescentos mil réis. Tome-os lá.

— Puxando da carteira, deu-me o Rezende três notas de cem, que eu guardei em seguida.

— Não se preocupe — pensava eu — é esse beneficio!

Depois — lá á curiosa! — nunca mais vimos o Pascoal Rezende lá no club.

Varandim do Chiado

Em certo jornal que pouco mais durou do que um ano, o Hipolito de Matos occupava, entre o corpo redactorial, a melindrosissima posição de «bombo de festa».

Todos, todos os redactores, salientando-se no conjunto o chefe da redacção, faziam do Matos alvo das suas piadas e partidinhas. Marcavam-lhe noticias falsas, arranjavam-lhe telefonemas errados, atiravam-no, consecutivamente, para serviços que não existiam e o cobriam, no fim de contas, de ridiculo.

Ronceliro, sempre sonolento, o Hipolito de Matos habituara-se ao ambiente criado, colhendo da situação o que de mais agradável ella lhe podia proporcionar. Pouco ou nada trabalhava. E, indifferente ás horas que lhe apontavam na agenda, caprichava em entrar, marcadamente tarde na redacção.

Assim, por mais do que uma vez, largas rajadas de censura caíram sobre o Matos. O chefe da redacção chegou, até, a ameaçá-lo de o despedir. Mas nada conseguia. O Hipolito de Matos tinha-se já acostumado a chegar tarde, e não havia forma de lhe destruir o vicio de uma vez para sempre.

Uma noite, o chefe resolveu assustar mais profundamente o Matos, repreendendo-o fortemente, e, para que elle temesse emenda para o futuro, inventou-lhe um crime, gritando-lhe, logo que o viu chegar:

— A que horas é a sua entrada?

— Ás 9 horas...

— E você apparece-me aqui ás onze?

O Matos, sonolento como sempre, nada respondeu. Então o chefe da redacção, tomando o maior ar de indignação, disse-lhe:

— Você, seu diabo, apparece-me aqui a esta hora e, certamente, nem uma linha me traz do crime da mulher alemã...

— Como? — perguntou o Matos.

— Sim, homem. O crime da mulher alemã! Então você não sabe que, na Avenida Duque d'Avila, uma mulher alemã matou o amante?

O Matos, já a tremer, acreditando no que ouvia, subindo ter já fallado a noticia do crime, teve uma ideia luminosa e, arrancando do bolso um rôlo de linguadões, gritou:

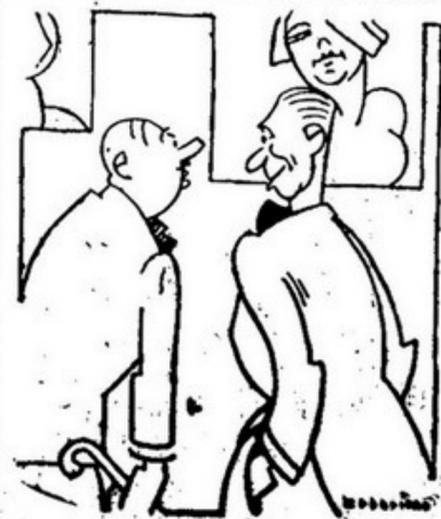
— O crime da mulher alemã? Isso sim. Está aqui tudo... Falta-me só o nome da mulher...

E abalou.

Mais tarde, no Governo Civil, o Hipolito de Matos teve conhecimento de que não se tinha daço crime algum de mulher alemã. Fôra tudo uma partida do chefe da redacção...

E, de então para cá, o Matos, que está agora em outro jornal, tem o bom habito de chegar cedo á redacção.

PONCIO PILATOS.



— Todas as mulheres retratadas são de meia idade...
— Pudera. Estamos no Salão de Outono...

ECOS DA SEMANA

HA QUEM PREFIRA MORRER AFOGADO A MASCARAR-SE DE MICROBIO - PNEUMONIA - CAIXA

O MONUMENTO AOS ARTISTAS-VICTIMAS DO MONUMENTO AOS MORTOS DA GUERRA EM LUANDA... QUE NUNCA MAIS E APROVADO.



O PADRE ETERNO COLABOROU BRILHANTEMENTE NA "SEMANA DA ENTORNIZAÇÃO" COADJUVADO POR UM SO BERBO "FURACÃO."



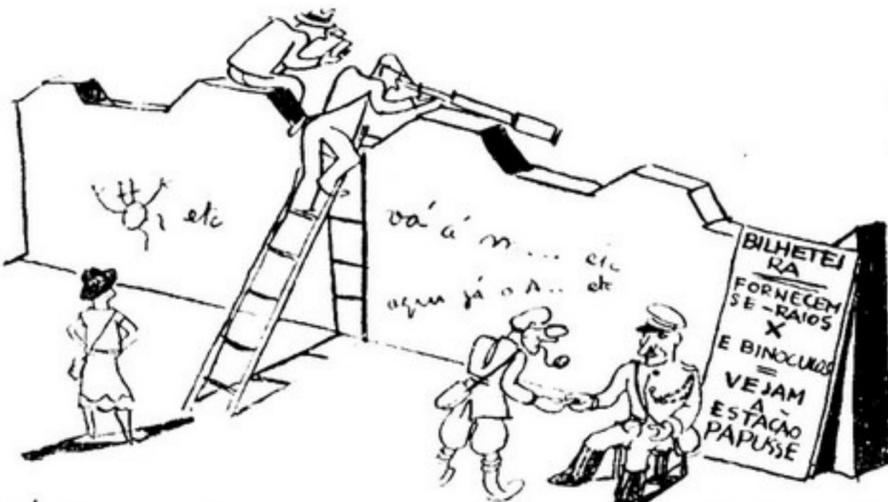
A FINAL DO CAMPEONATO DE PORTUGAL ENTRE UM HUNGARO E UM FRANCEZ!! AFINAL ESTA TUDO DOIDO...



QUEREM VER A "ESTAÇÃO PAPUSSE" DO SUL E SUÉSTE... SUAQUELA? COMPREM RAIOS XIZES...



O CONGRESSO DA PROTECCÃO A' INFANCIA NÃO PERCA TEMPO E ARRANJA-LHES DE COMER.



SO POR PARECE MAL O "PARECEMAL" VESTIU LUTO PESADO PELA SOGRA AMANTISSSSSSSSSIMA...



ANTES DE CONSTRUIR O PALACIO DA JUSTIÇA LEVANTESE PRIMEIRO O MURO QUE O HA-DE ENTAI PAR... APOS ISTO ESCOLHA-SE OUTRO LOCAL PARA O PALACIO... E SIR VA-SE...



LEMBREM-SE DA ESTAÇÃO PAPUSSE